



Presidência da República
Casa Civil
Secretaria de Administração
Diretoria de Gestão de Pessoas
Coordenação – Geral de Documentação e Informação
Coordenação de Biblioteca



BIBLIOTECA DA
PRESIDÊNCIA
DA REPÚBLICA

Discurso na cerimônia de apresentação de resultados e consolidação das ações do Programa Brasil Empreendedor

PALÁCIO DO PLANALTO, BRASÍLIA, DF, 23 DE NOVEMBRO DE 2000

Senhor Vice-Presidente, Senhoras e Senhores,

Acho que, depois do que foi exposto aqui, através do vídeo e das palavras do Ministro Alcides Tápias, não preciso me estender muito. Quero apenas, em primeiro lugar, agradecer os esforços que têm sido empreendidos, tanto pelo Ministro, pelo seu Ministério, como por todos os demais cooperadores dessa empreitada que, como disse o próprio Ministro Tapias, não é uma empreitada de governo. Ela vai além do Governo. Inclui vários órgãos do Governo, como o Ministério do Trabalho, através do FAT; o Sebrae; a Caixa Econômica; o Banco do Brasil. E inclui, também, a participação ativa das cooperações de indústria.

Enfim, é uma articulação dos sindicatos e de pequenos e médios empresários. É uma articulação com a sociedade. E isso conta, isso conta muito. Nos dias de hoje, nada mais funciona sem o conceito de articulação de redes de parcerias. E foi o que nós fizemos.

Devo lhes dizer que, quando aqui, neste mesmo salão, nós assistimos ao lançamento do Programa Brasil Empreendedor, eu tinha cer-

tas dúvidas, porque os números são tão vultosos, são tão atraentes, pela quantidade de zeros que vem depois do algarismo que, ao mesmo tempo que entusiasma, deixam sempre uma ponta de dúvida. O Doutor Marcelo Cordeiro fez uma apresentação, naquela ocasião, muito estimulante, sobre a matéria. E nós todos ficamos, realmente, na expectativa de que as coisas acontecessem.

Pois bem, nós temos, no Governo, o que se chama a Câmara de Desenvolvimento Econômico. Dela fazem parte alguns Ministros e alguns Presidentes de agências importantes do Governo – Caixa Econômica, Banco do Brasil, BNDES, etc. Vez por outra, o Ministro do Desenvolvimento nos prestava contas sobre a quantas andava o Programa. E fomos, de surpresa em surpresa, ficando menos preocupados, porque vendo que as coisas estavam funcionando.

Ainda agora, conversando aqui – sussurrando – com o Ministro Tápias, eu estava dizendo: é impressionante, 55 mil. Aqui, para se mexer um pouquinho, precisa de mil, 50 mil, não sei quantos milhões, bilhões. É tudo muito grande.

Portanto, é por isso mesmo que dá, ao mesmo tempo, a dúvida: será que se vai conseguir? E, depois a confiança, quando se vê que há uma articulação, que há uma rede, que os programas deixam de ser apenas obra de governo e passam a ser uma necessidade da sociedade que, daqui a pouco, vai cobrar mais do Governo, como costuma acontecer, e é bom que aconteça mesmo.

Foi um sucesso. E esse sucesso é que nos levou, portanto, a esta ampliação, que é o que nós estamos comemorando hoje. Com uma característica nova, que é o fato de que nós estamos, cada vez mais, apoiando a idéia de que as micro e pequenas empresas devem, também, participar das exportações.

Isso é muito importante. Nós vimos, a semana passada, no Enaex, o esforço enorme que o Governo está fazendo, para que o Brasil tenha a capacidade exportadora ampliada. Pois bem, essa ampliação vai depender, também, em grande proporção, de que haja inclusão dos pequenos empreendedores, dos microempreendedores, nesse esforço exportador.

Alguns países, como a própria Itália, cresceram muito nesta base. Ainda há algum tempo, conversando com o antigo Primeiro-Ministro Maximo D'Alema, a respeito da Itália, ele me disse: "Olha, convém verificar o que aconteceu nos países do Leste, especialmente com a România e a Bulgária. As empresas italianas, médias e pequenas, entraram nesses países, através da exportação e, depois, até de investimentos".

Não são as grandes, das multinacionais que nós todos conhecemos, da Itália ou do Brasil, ou de qualquer parte, que estão, certamente, no globo todo. A tessitura do mundo contemporâneo e do mundo futuro não pode ser formada só pelo travejamento das multinacionais. Ela tem que ser alicerçada também e, talvez até com mais dinamismo, nessa multiplicidade de empresas.

Engana-se quem imagina que o capitalismo contemporâneo, que o crescimento da economia capitalista contemporânea, vai depender só das grandes empresas. Não é assim. E, se depender só delas, pobre de nós, porque elas vão ter muita força para impor o que nós não queremos. Se houver uma maior diversidade, será mais fácil fazer com que aquilo que nós queremos prevaleça sobre a vontade de um pequeno grupo oligopólico.

As micro e pequenas empresas são, portanto, aliadas essenciais da democracia, porque permitem o contrapeso das ações públicas, permitem que a sociedade se manifeste, através das reivindicações da micro, da pequena e da média empresa, e criam um mundo muito mais rico do que, simplesmente, esse mundo muito abstrato e internacionalizado, das enormes empresas.

Acho que isso é um ponto importante. Porque disso vai depender o futuro, eu até diria da nossa civilização. Não pode ser uma civilização monstruosa, no sentido de grande demais. Tem que haver uma compensação por alguma coisa de uma escala mais humana.

E mormente quando se sabe, como aqui já foi dito, também, que a pequena e micro empresa empregam, proporcionalmente, mais do que as grandes. Porque as grandes vão ser, crescentemente, por causa da base tecnológica, poupadoras de mão-de-obra. E o que nós estamos precisando, no Brasil, é que as empresas ofereçam trabalho.

Apraz-me dizer, o Ministro do Trabalho está aqui e tem me dito também, assim como o Ministro Tapias faz o relatório dos avanços das micro e pequenas empresas, o do Trabalho não deixa nunca de me fornecer um elemento, a respeito da expansão do mercado de trabalho, a par de dizer que tem havido uma contínua expansão do mercado de trabalho.

Vê-se, agora, talvez depois de algum tempo, que o horizonte está menos carregado. A cada mês que passa se verifica que o nível de emprego cresceu. O último dado, que foi de ontem, vi nos jornais: na grande São Paulo, houve um aumento de oferta de 99 mil novos postos de trabalho. Isso fez com que a taxa de desemprego aberto, contada por critérios que não são os universais, do IBGE, tenha caído um ponto, alcançando o nível mais baixo que nós temos, desde 1991, sendo que a expansão, nesse nível, creio que desde 1985 não havia igual. Quer dizer, esse é um dado significativo.

Espero que nesta semana mesmo tenhamos novos dados a respeito do Brasil, que nos permitirão medir as conseqüências da retomada do crescimento sobre o mercado de trabalho. E é verdadeiro o que disse o Ministro Tapias: estas conseqüências, embora não possamos medir com precisão o que se deve à pequena e micro empresa, certamente essas conseqüências são resultado, em grande parte, da ação das micro e pequenas empresas.

De modo que nós todos podemos nos animar e acreditar que vamos passar para o ano 2001, portanto, na entrada do novo século, com um Brasil diferente. Um Brasil que já não é mais o Brasil da dúvida: "Será que vai dar?" O Brasil que já está dando certo. Esse "dando certo" não quer dizer que as mazelas acabaram, não quer dizer que não existam problemas gravíssimos, nem que não existam desigualdades inaceitáveis, mas quer dizer que o rumo está sendo um rumo alentador.

Retomamos o crescimento. O último dado de crescimento, que foi relativo até ao terceiro trimestre do ano em curso, apontava um crescimento de 3,86%. Portanto, quando se dizia que a taxa de crescimento neste ano seria de, pelo menos, 4%, não estávamos exagerando, não estávamos fazendo uma aposta no vazio. Desde que fui

Ministro da Fazenda me recusei sempre a dizer quanto vai ser, no fim do ano, a inflação, quanto é que vai ser a taxa de desenvolvimento, porque não sou economista, mas convivo muito com eles. Eles não sabem. Ninguém sabe. Só depois é que se sabe. O resto é palpite: vale tanto quanto o de qualquer outra pessoa. É palpite, é uma aposta. A gente deve fazer as apostas, mas não deixar de saber que é uma aposta: “Coloquei a variável tal, tirei a outra. Fiz a hipótese tal e não a outra.” De modo que é bom ver depois de transcorrido.

Pois bem, nesses trimestres que já transcorreram, crescemos 3,86%. E o mais significativo é que houve crescimento na indústria. Vejo o Doutor Carlos Eduardo assentindo, feliz, com a cabeça, que houve crescimento da indústria. A indústria de São Paulo cresceu, mais ou menos, 6,5%. Não é um crescimento que se possa pôr à margem. É um crescimento importante num país como o nosso.

Quando se dizia que a agricultura, “porque o preço, porque isso, porque aquilo”, não ia corresponder, também não era verdade. Houve crescimento da agricultura. Quando olhamos os dados da colheita agrícola, batemos o recorde neste ano. Não está aqui o Ministro Prati-ni de Moraes, senão, já estaria me olhando para saber se eu ia esquecer ou não da agricultura. Mas o fato é que batemos o recorde. E não é impossível – depende de Deus, das chuvas – que no ano que vem haja outro recorde. Eu digo que não é impossível e depende das chuvas porque o aumento do consumo de fertilizantes já houve. Houve uma pequena expansão da área plantada, houve um aumento do consumo de fertilizantes. E o aumento de vendas de máquinas agrícolas foi de 50% em um ano. Isso por causa do esforço feito pelo governo e pelo BNDES, para os juros passarem a ser fixos em certos itens. Isso teve uma mudança muito grande.

De modo que estamos, realmente, terminando este ano com o horizonte muito mais aberto do que foi o início deste ano, para não falar no início do ano passado, porque aquele, sim, benza-o Deus! Mas o que anima é que, ao invés de ficarmos chorando pelo que não aconteceu, reclamando, simplesmente, que não houve isso, não houve aquilo e fazendo prognósticos pessimistas, o Governo trabalhou e a

sociedade, também. Porque nós trabalhamos, e trabalhamos juntos, estamos chegando ao fim deste ano de uma maneira muito mais alentadora, muito mais motivados para continuar neste caminho, que é um caminho que o Brasil deseja, que é o caminho não apenas de crescimento, mas de maiores oportunidades para todos, para todas as famílias, mais emprego, mais educação, etc. O que podia ser retórica, há algum tempo, hoje já não é retórica. É realidade.

De modo que não queria ocupá-los mais, senão que agradecer, uma vez ainda, o esforço que sei que é feito anonimamente por milhares de pessoas e dizer que, realmente, temos bons motivos para acreditar que o Brasil Empreendedor foi um bom empreendimento. Nós também empreendemos. Quem empreende corre riscos, mas, quando dá certo, fica feliz. O Brasil Empreendedor deu certo. E o Brasil, o nosso país, vai dar mais certo ainda!

Muito obrigado.